



AS TRANSFORMAÇÕES TECNO(IDEO)LÓGICAS E SEUS EFEITOS SOBRE A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS

Lisiane Schuster Gobatto¹

Em pouco tempo, as maneiras de se comunicar e de buscar e receber informação se transformaram radicalmente. Nas condições de produção atuais, a primeira coisa que os sujeitos fazem ao despertar é agarrar o celular, conferir as notificações e descer a barra de rolagem de um site de rede social.

Para ter uma ideia da importância dos sites de redes sociais no Brasil, o *Facebook*, na época do seu surgimento, era confundido com a própria internet por milhares de usuários, os quais, até pouco tempo atrás, não tinham acesso à internet e estão descobrindo o mundo digital por meio das redes nos seus *smartphones*.

Tanto avanço tecnológico não mudou somente a forma de produzir e consumir informações, mas a própria circulação dos discursos. Nos sites de redes sociais, os conteúdos jornalísticos disputam espaço com conteúdos pessoais e qualquer outro tipo de conteúdo publicitário. E o que determina quais informações chegam aos usuários não é mais o alcance de determinado veículo, seu prestígio, reconhecimento ou reputação (como acontecia com os veículos impressos, com o rádio ou com a televisão), mas processos algorítmicos nada transparentes.

Tenho observado que, nas redes, os discursos têm um funcionamento diferente, uma circulação imposta por novas práticas e rituais de um aparelho ideológico sobredeterminado pelos algoritmos. Trata-se de um aparelho tecno(ideo)lógico forjado pelos modos de produção da nossa formação social na atualidade, principalmente pelo trabalho dos algoritmos. Mesmo de modo fantasmático, os algoritmos funcionam determinando as ações dos sujeitos nas redes, constituindo um aparelho caracterizado pela fluidez, por invadir e permear todos os aparelhos, e incidindo sobre a circulação dos discursos.

Ponto de partida

Recorte da minha tese de doutorado, defendida em 2023, este trabalho traz algumas discussões sobre o que chamo de *Aparelho Algorítmico* (Gobatto, 2023). Na tese, investiguei os efeitos de sentido produzidos pelos discursos jornalísticos que circularam no *Facebook* nos meses que antecederam a eleição de 2018. Tal pleito foi um acontecimento histórico que marcou não somente a ascensão ao poder de um fascismo à brasileira, mas o papel fundamental dos sites de redes sociais e aplicativos de mensagens para consolidação da estratégia política da extrema direita. A campanha eleitoral de 2018 inaugurou um modo de

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lisischuster@hotmail.com

fazer política que não trata a internet, ou melhor, os sites de redes sociais, como suporte de campanha, mas como palco principal.

Para a construção do arquivo da tese, propus a busca por palavras-chave para cada acontecimento político e histórico de 2018 que influenciou as eleições presidenciais. A busca mostrou-se insuficiente quando compreendi que não poderia tratar somente da produção do discurso jornalístico. Essa produção, ao ser transposta para o *Facebook*, sofre determinações tecno(ideo)lógicas muito significativas para serem ignoradas.

Considerando que, conforme, Sargentini: “[...] ler o arquivo hoje significa ‘ler a circulação de sentidos’” (2014, p. 29), passei a observar com mais atenção os modos de circulação das informações nos sites de redes sociais e identifiquei uma questão que é determinante tanto para a *produção* quanto para a *circulação* de conteúdos: o funcionamento dos algoritmos e os processos ideológicos “subterrâneos” que o determinam. As clivagens subterrâneas das quais trata Pêcheux ([1982] 2014, p. 59) são condição de existência e do funcionamento dos algoritmos, pois são eles que recortam o arquivo determinando o que aparece no *feed* de notícias dos usuários sem que o sujeito-leitor se dê conta de que existe uma programação anterior feita por um sujeito.

Nas palavras de Pêcheux, “não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambiguidades [...]” (Pêcheux, [1982] 2014, p. 63). Nas atuais condições de produção, é ingenuidade não se questionar sobre os processos ideológicos que regulam os processos algorítmicos nas redes e determinam o que aparece no *feed* de notícias do *Facebook*, por exemplo.

Um aparelho (tecno)ideológico

Os algoritmos que regulam os sites de redes sociais parecem não se encaixar num único aparelho ideológico, o da informação. A hipótese que levantei na tese é de que um novo aparelho de ordem tecno(ideo)lógica, o aparelho algorítmico, esteja em funcionamento atravessando os mais variados aparelhos (Gobatto, 2023).

Tal hipótese está ancorada nas reflexões de Althusser em *Sobre a Reprodução* (em 1969) quando o autor diz que a lista de aparelhos é “uma enumeração provisória” (Althusser, [1969] 1999, p. 68). Nela, o autor menciona o Aparelho Ideológico da “Edição-Difusão” e justifica que a lista é provisória e “não é exaustiva” (Althusser, [1969] 1999, p. 103) porque o AIE da Edição-Difusão – que nesta tese podemos propor designar de AIE da Produção-Circulação – pode constituir junto ao AIE Cultural um mesmo aparelho. Desse modo, Althusser pede perdão pela hesitação, pois ainda não tem opinião formada “sobre esse ponto que merece outras pesquisas” (Althusser, [1969] 1999, p. 103).

Por mais que a obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* tenha partido dos manuscritos de *Sobre a reprodução* e não liste mais o AIE da Edição-Difusão, nem na composição do AIE Cultural, entende-se que Althusser refletia sobre as variáveis que levariam à instauração de um AIE. Em 1969 ele propôs uma “lista

provisória” para construir uma “primeira ideia” dos aparelhos, mas, ao mesmo tempo, indicou a necessidade da realização de outras pesquisas. Naquela época, não havia nem indícios do quanto ficaríamos dependentes da tecnologia e do quanto ela avançaria em tão pouco tempo. Nem os computadores de uso pessoal haviam sido desenvolvidos. Ainda assim, o autor demonstrou preocupação com a forma de circulação dos discursos ao mencionar um possível AIE da Edição-Difusão. Ele já atentava para os mecanismos que regulam ao que os sujeitos têm acesso. E é baseando-me nessas reflexões que sustento a posição de que um Aparelho Algorítmico possa estar em funcionamento na contemporaneidade, gerenciando a leitura dos arquivos através do domínio e controle da circulação.

O *Aparelho Algorítmico* (Gobatto, 2023) atua para manter a reprodução das relações de produção de uma formação social cada vez mais conectada. E se a publicidade e a linha editorial dos veículos definem seu funcionamento dentro do Aparelho da Informação, o extrativismo de dados, ou a ciência *big data*, é o que define o funcionamento dos veículos dentro do *Aparelho Algorítmico*.

Observemos a sequência discursiva (SD) 01 extraída da descrição dos serviços oferecidos pelo *Facebook* em seus termos de uso.

Fornecemos aos anunciantes relatórios sobre os tipos de pessoas que visualizaram os anúncios deles e sobre o desempenho de tais anúncios, mas não compartilhamos informações que identifiquem você pessoalmente (informações como seu nome ou endereço de email que possa ser usado por si só para contatar ou identificar você), a menos que você nos dê permissão para tanto. Por exemplo, fornecemos dados demográficos gerais e informações sobre interesses aos anunciantes (como a informação de que um anúncio foi visto por uma mulher com idade entre 25 e 34 anos que mora em Madri e gosta de engenharia de software) para ajudá-los a entender melhor o público deles. Também confirmamos quais anúncios do Facebook levaram você a fazer uma compra ou executar uma ação com um anunciante.

Fonte: <https://www.facebook.com/policy.php>

Na SD01, para justificar o uso de inteligência artificial, de sistemas de aprendizado de máquina e realidade aumentada, o *Facebook* silencia a ciência *big data* e argumenta que os dados dos usuários são oferecidos aos anunciantes conforme a subsequência “**para ajudá-los a entender melhor o público deles**”. E se o anunciante for um estrategista político cujo interesse é o de naturalizar determinado sentido na memória social? O funcionamento é o mesmo. Pelas curtidas, comentários, compartilhamentos e cliques dos usuários pode-se rastrear aqueles que têm mais suscetibilidade de tomarem uma posição favorável à narrativa em questão. Fornecem-se os dados e é devolvida uma informação balcanizada, sob medida para os interesses do anunciante, seja uma empresa ou um candidato político.

Quando uma empresa ou organização impulsiona seus conteúdos no *Facebook*, ela quer atingir um público específico e busca por este público. Isso facilita que conteúdos de páginas com posicionamentos bem demarcados ideologicamente tenham mais sucesso nesta busca do que páginas jornalísticas que “escondem” seus posicionamentos sob o pretexto de neutralidade ou imparcialidade. Aí está uma pista de

como funciona o que propus chamar de *Aparelho Algorítmico* e da razão pela qual os conteúdos jornalísticos não têm o mesmo impulsionamento e a mesma quantidade de reações que outras *fanpages* de candidatos ou organizações políticas.

Além disso, a circulação do discurso jornalístico nos sites de redes sociais está afetada pela passagem de discursos *sobre* Mariani (1998) para um discurso *de*. Os sujeitos não querem mais ter intermediários, querem falar e ouvir diretamente seus interlocutores e têm a ilusão de que são, também, produtores de conteúdo, quando, na verdade, são as imposições dos mecanismos algorítmicos, funcionando aos moldes de um AIE, que regulam a circulação dos conteúdos, transformando a maioria dos usuários de sites de redes sociais em meros consumidores e replicadores.

Retomemos a reta final das eleições de 2018. Nesse período, a *fanpage* de Jair Bolsonaro teve os *posts* mais compartilhados. A maioria desses *posts* foi de *lives* transmitidas durante o horário eleitoral gratuito na televisão ou durante os poucos debates/entrevistas que ocorreram nas emissoras de TV no primeiro turno. Ao falar a partir de suas próprias redes, sem intermediários, Bolsonaro fez circular com mais intensidade o *discurso de*, produzido, pensado e planejado por ele para seus interlocutores, na medida em que os algoritmos privilegiam a circulação dos discursos em bolhas no *Facebook*. Desse modo, a produção do discurso é afetada pela circulação: o candidato produziu discursos de acordo com as bolhas nas quais iriam circular.

Se, anteriormente, os palcos para o discurso político eram bem delimitados, nas eleições de 2018 tornaram-se multifacetados, possibilitando que o candidato Bolsonaro utilizasse suas redes como palanque. A não-participação nos debates não impediu a interlocução com seus eleitores e a circulação do *discurso de* Bolsonaro, pautando, inclusive, o *discurso sobre* ele, impulsionado pelo *Aparelho Algorítmico*.

Efeito de fecho

Os algoritmos chegaram bagunçando as estruturas e as relações de poder dentro do AIE da Informação, embora o papel do AIE seja o mesmo: garantir a reprodução das relações de produção do sistema capitalista/neoliberal.

A diferença é que, enquanto as práticas e rituais do AIE da Informação são determinadas pela publicidade e pela linha editorial dos veículos, as práticas e rituais do *Aparelho Algorítmico* são determinadas pelo extrativismo de dados, ou a ciência do *big data*.

O *Aparelho Algorítmico* é um dispositivo, assim como os AIE, mas difere deles em sua natureza globalizada, uma vez que serve ao modo de produção dominante nas formações sociais atuais, o capitalismo-neoliberalismo. Portanto, o *Aparelho Algorítmico* não está restrito a fronteiras nacionais e pode ser utilizado até mesmo para atacar um Estado que ameaça esse tipo de formação social. Trata-se de um dispositivo que se infiltra nos AIE, tal qual um parasita, alterando seu funcionamento. O *Aparelho*

Algorítmico é mais uma peça que move a engrenagem da reprodução das relações de produção, mas não está a serviço de um Estado, está a serviço do capital.

Diante disso, nas atuais condições de produção, resistir dentro do AIE da Informação requer estratégias que contemplem tanto as questões internas do AIE quanto sua determinação pelo *Aparelho Algorítmico*. E mais, não basta dar voz ao dissenso representado pelo jornalismo alternativo. É essencial fazer as vozes dissidentes circularem utilizando o funcionamento do próprio *Aparelho Algorítmico* para, quiçá, “voltar a arma da ideologia contra as classes no poder” (Althusser, ([1971] 1985, p. 72).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. [1971] **Aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. [1969] Sobre a reprodução. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOBATTO, Lisiane Schuster. **O efeito da tecno(ideo)logia na produção/circulação do discurso jornalístico**: as eleições de 2018 e o Facebook. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MARIANI, Bethania. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. **Gragoatá**, Niterói, Rio de Janeiro, n. 5, p. 87-95, 1998.

PÊCHEUX, Michel. [1982] Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli *et al.* (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 57-68.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. O arquivo e a circulação de sentidos. **Revista Conexão Letras**, v. 9. n. 11, p. 23-30, 2014.